

VIOLÊNCIA E EXPOSIÇÃO FEMININA NA INTERNET: DISCURSOS DE PODER.

VIOLENCE AND WOMEN STATEMENT ON THE INTERNET: DISCOURSES OF POWER.

Fernanda Aparecida Israel (UEPG)

RESUMO:

O presente trabalho busca promover discussões sobre algumas possibilidades de vivenciar a identidade de gênero feminina a partir de um contexto de escrita marcada pelo que chamamos de “pós-modernidade”. Este contexto é a internet, recortado a partir do *site* da revista Marie Claire. Além da escolha da revista em sua versão de *site*, optamos pelo trabalho com a sessão Mulheres do Mundo, em que expõe textos que abordam o universo feminino de forma heterogênea, tanto em relação à nacionalidade quanto em questões de raça, etnia, gênero, classe social, objetivos de vida, entre outros. Quanto à escolha por esta revista, justificamos o fato de que ela não se apresenta com um objetivo único, mas se dirige ao público feminino com temáticas mais diversificadas. A revista Marie Claire tem como *slogan* a frase “Chique é ser inteligente”. Desta forma, entendemos que uma revista que promove o feminino para além dos discursos da beleza e de interesses de consumo tem objetivos interessantes a serem analisados. Nos aparamos em Bakhtin (2006), para tratarmos das questões de gênero do discurso e da configuração desse campo para a esfera jornalística, mais especificamente nos gêneros que estão no suporte revista. Após esse momento, fazemos uma discussão sobre gênero a partir de Louro (2003). Assim, apresentamos as análises dos textos em que situações de violência são discursivamente construídas e permitidas na sociedade. Ao final, fazemos as considerações sobre o trabalho, bem como refletimos sobre os alcances que o suporte revista feminina tem sobre a construção de sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Gênero. Revista.

ABSTRACT:

This paper seeks to promote discussions about some possibilities to experience the female gender identity from a writing context marked by what we call "post-modernity". This context is the internet, cut from Marie Claire magazine's website. Besides the magazine of choice in your site version, we chose to work with the World Women session, setting out texts that address the feminine universe of heterogeneous, both in terms of nationality as in issues of race, ethnicity, gender, social class, life goals, among others. The choice for this magazine, we justify the fact that it does not come with one goal, but is aimed at women with more diverse themes. Marie Claire magazine has as slogan the phrase "Chic is to be smart." Thus, we understand that a magazine that promotes women's beyond words beauty and consumer interests have interesting objectives to be analyzed. In we landed in Bakhtin (2006), to address gender issues of speech and setting this field to the journalistic sphere, specifically in the genres that are in the magazine holder. After this time, we had a discussion on gender from Louro (2003). Thus, we present the analysis of texts in which situations of violence are discursively constructed and permitted in society. At the end, we make considerations about work and reflect on the achievements that support women's magazine has about building subject.

KEYWORDS: Violence. Genre. Magazine.

Introdução e Justificativa

O presente trabalho busca promover discussões sobre a identidade de gênero feminina inserida em um contexto de escrita que é específico do tempo chamado “pós-moderno”.

Embora minha preocupação central sejam as questões de gênero, entendemos que a sexualidade faz parte da identidade feminina, principalmente nos textos selecionados para este artigo em que constatamos, nos relatos de violência de gênero contra a mulher, que a motivação se dava por questões de sexualidade.

Selecionamos a revista Marie Claire porque era interessante buscar uma revista que não tivesse um objetivo único, mas sim que se dirigisse ao público feminino com temáticas mais diversificadas. A revista Marie Claire tem como *slogan* a frase “Chique é ser inteligente”. Desta forma, entendi que uma revista que promove o feminino para além da aparência física, tem objetivos interessantes a serem analisados.

A hipótese inicial sobre a revista Marie Claire é que os textos tratassem de questões políticas, de notícias que envolvessem a participação de mulheres em diversos espaços. Além disso, quando descobrimos a sessão *Mulheres do Mundo*, ampliamos nossas hipóteses sobre a mulher a partir da multiculturalidade.

Neste sentido, a revista feminina Marie Claire se torna um terreno fértil para compreensão e discussão sobre as identidades femininas, bem como para entender e vivenciar o gênero como uma forma de emancipação dos sujeitos.

O discurso em Bakhtin

Neste momento, buscamos refletir sobre os gêneros discursivos a partir de uma análise bakhtiniana, pensando em que medida os três elementos do enunciado – conteúdo temático, estilo verbal e a construção composicional – (Bakhtin, 2010:262) materializam os discursos que produzem o gênero social feminino na revista Marie Claire.

Partimos desta perspectiva de discurso para entendermos quais alcances as chamadas “condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (de atividade humana) tem sobre os textos da revista Marie Claire. Essas condições serão mobilizadas nas análises, mantendo uma preocupação sobre o público de leitoras, autores/as dos textos, veículo de circulação (internet), entre outras condições de produção.

O centro da obra de Bakhtin (2010) é sobre como se configuram os gêneros do discurso. Torna-se importante ressaltar que, embora trabalhemos com certa pluralidade de gêneros em nossa pesquisa, como os gêneros relato, entrevista, reportagem e notícia, sabemos que o suporte revista *online* pertence à esfera jornalística.

Para Bakhtin, os campos específicos de uso da língua elaboram seus “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que são os gêneros de discurso. Os enunciados que nesta pesquisa se materializam nos textos da sessão *Mulheres do Mundo* são enunciados

pertencentes não só a esfera jornalística como um todo, mas é uma esfera jornalística muito específica construída sócio-historicamente, denominada de “imprensa feminina

Sendo assim, os textos publicados em uma sessão chamada *Mulheres do Mundo* não são produzidos nem acabam si mesmos como discursos individuais, mas pertencem a uma rede de enunciados sobre as múltiplas possibilidades do que significa *ser mulher* e a qual *mundo* elas pertencem ou devem pertencer na concepção da revista, bem como para *qual mulher* ela é direcionada.¹

Esta característica, segundo Bakhtin (2010:272), de que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” é um dos eixos centrais da nossa pesquisa, na medida em que nos atentamos para os discursos sociais sobre gênero que estão sendo mobilizados quando lemos um texto que evoca múltiplas possibilidades de vivenciar o feminino.

Esses discursos são possíveis a partir de processos de interação com as leitoras. Conforme fundamentamos, um enunciado não existe fora da interação com o outro, sendo isso o que Bakhtin irá chamar de *atitude responsiva ativa*:

“(…) o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2010:271)

No caso do público feminino da sessão *Mulheres do Mundo*, as leitoras são sujeitos ativos desse processo de interação, como podemos ver em um exemplo:

“Uma página no Facebook está causando polêmica no Oriente Médio. [“Revolta das Mulheres no Mundo Árabe”](#) reúne milhares de mensagens do mundo inteiro, dando seu apoio às mulheres da Arábia. A idéia é que cada envie uma foto segurando um cartaz com a mensagem “Eu apoio a revolta das mulheres no mundo árabe”, antes de dizer o porquê. São protestos solidários e que demonstram indignação aos paradigmas culturais, religiosos e políticos que sofrem as mulheres da região”. (Texto “Revolta das mulheres no mundo árabe” causa polêmica em rede social)

Neste fragmento, mobiliza-se um diálogo entre as mulheres chamadas genericamente de “ocidentais” em favor da não violência contra a mulher árabe, ainda, segundo a revista “não emancipada”. A autora divulga uma campanha realizada nas redes sociais no momento em que o texto foi escrito. A campanha é feita através de mensagens compartilhadas pelas

1

internautas que usam a rede social também como forma de protesto. Quando lemos “A idéia é que cada participante envie uma foto...” sugere-se que a leitora compartilhe desta campanha e também faça a “sua parte” de mulher ocidental: emancipada, solidária, politizada e que, obviamente, tem acesso às esferas discursivas da internet.

Percebemos claramente o posicionamento da revista em provocar diretamente uma “resposta” por parte da leitora. E esta resposta não se limita à compreensão do texto, em concordar ou discordar individualmente do que está sendo dito. Mas uma resposta de elaborar outros enunciados que saem da esfera jornalística e vão para a esfera das redes sociais através dos gêneros discursivos fotos, mensagens, postagens, utilizando-se de uma diversidade de recursos lingüísticos para esta produção.

Sendo assim, partiu-se de uma rede de enunciados sobre a violência contra a mulher na Arábia para a produção de um texto na revista feminina, que se preocupa com as questões da “inteligência”, numa sessão que tem como objetivos apresentar a mundialidade das identidades femininas, para assim, provocar resposta nas leitoras a partir da construção de outros enunciados em outras esferas de atividade humana. Essa provocação de uma atitude responsiva é o principal fundamento de um enunciado:

“(...) ele (o falante) não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc.” (BAKHTIN, 2010:272)

Além da atitude responsiva, para o enunciado existir como tal é preciso que haja outro elemento, que Bakhtin (2010:280) nomina de conclusibilidade – “a alternância dos sujeitos do discurso” –. Esse elemento se manifesta numa espécie de possibilidade de conclusão/fechamento para que assim *o outro* possa tomar uma atitude responsiva ativa. Analisamos esse potencial de conclusibilidade do enunciado em textos do gênero discursivo entrevista. Não queremos inferir que só o gênero entrevista apresenta esta característica, mas concordamos que essas construções se aproximam do discurso oral, em que a conclusibilidade é marcada quando a voz de um interlocutor termina dando início à voz de outro:

“MC - As primeiras coisas que as pessoas fazem quando algo como isso acontece é julgar a mulher. No último domingo, logo após a matéria do “Fantástico” que mostrou o caso da adolescente do Piauí, um blogueiro influente nas redes comentou o caso com a seguinte frase: “Eu não entendo porque alguém se deixaria filmar transando”. O que o senhor acha de comentários como esse?
R – É fácil julgar a vida sexual de quem está exposto, não é mesmo?! Porque a filmagem é apenas uma das muitas preferências e fetiches

sexuais. E o que queremos é justamente garantir o direito à privacidade, inclusive o de gostar de filmar.”

O autor segue sua teoria dizendo que o chamado “dixi conclusivo” é determinado pela possibilidade de responder ao enunciado, e esse acabamento que pede resposta também é determinado por alguns fatores: *a exauribilidade do objeto e do sentido, projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, formas típicas composicionais e de gênero do acabamento* (BAKHTIN, 2010:281).

O primeiro critério *exauribilidade do objeto e do sentido* pode ser manifestado no texto na medida em que o gênero discursivo entrevista era a melhor possibilidade para ampliar os discursos sobre a violência contra a mulher em situações de exposição na internet. Além disso, o gênero entrevista amplia o contato com o sujeito que legitima o combate contra essa violência, que é o deputado Romário. Ainda sobre este critério, podemos afirmar que a entrevista é construída a partir de questões que dão a possibilidade de acabamento e assim surge a atitude de resposta, que pode ser a próxima pergunta da jornalista, o entendimento que a leitora teve por parte desse enunciado e até a indução do conteúdo para a próxima pergunta.

O segundo critério, *vontade discursiva*, refere-se a uma “idéia verbalizada”, a uma escolha do falante para determinado gênero discursivo que dará conta de expor o que ele tem a dizer. No gênero discursivo entrevista, embora seja no formato de escrita, percebemos claramente a intenção dos interlocutores ao escolher este texto, visto que já na introdução se mobiliza casos que repercutiram na mídia sobre mulheres que sofreram essa violência, para só assim, a partir da entrevista com o deputado Romário, apresentar uma possível solução para esta violência:

“Casos como esses estão se tornando comuns e adivinhe quem são as principais vítimas? “Nossa sociedade costuma julgar as mulheres. É como se o sexo denegrisse a honra delas”, diz Romário. O deputado federal apresentou, no último dia 23 de outubro, um projeto de lei que transforma em crime a divulgação indevida de material íntimo”.

Neste trecho que antecede a entrevista, percebemos que a mobilização de outros enunciados sobre o tema da violência na internet funciona para dar legitimidade à escolha pelo gênero entrevista, e também para legitimar o discurso de autoridade do deputado Romário.

O terceiro critério de acabamento do enunciado engloba a estabilidade do gênero, chamada de *formas típicas composicionais e de gênero do acabamento*, refere-se à realização da vontade discursiva através de um gênero discursivo, que neste exemplo é a entrevista,

construída através da conversa entre a jornalista e o deputado, para depois se reconfigurar estes discursos através de um enunciado escrito.

Nesta sessão nós retomamos os principais elementos que, segundo Bakhtin, configuram o enunciado. No entanto, vamos fundamentando nossa análise nesses conceitos. A partir de agora, faremos uma discussão sobre o caráter ideológico do signo, com a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Signo ideológico: rede de significados discursivos

Entendemos o nosso objeto de pesquisa, a revista *Marie Claire*, como “um produto ideológico” (Bakhtin, 2006). Justificamos esta perspectiva por defendermos que a revista feminina, sendo mais que um suporte de diversos gêneros discursivos, é um produto enunciativo construído sócio-historicamente. O caráter ideológico dela se constitui por meio de uma multiplicidade de discursos sobre as significações em torno da identidade feminina. Embora Bakhtin trabalhe com esta perspectiva de signo ideológico a partir da filosofia da linguagem marxista, entendemos que uma análise pautada nas questões de gênero também pode dialogar com esse conceito. Segundo o autor (2006:20)

“Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”. (BAKHTIN, 2006:20)

Defendemos que o produto ideológico revista feminina *online* apresente estas características, pois é um instrumento de produção quando é vendida comercializada para servir de objeto de leitura de um público feminino. Além disso, ela existe a partir de peculiaridades que são próprias dessa produção. É produto de consumo na medida em que divulga informações e se vendem produtos de moda, beleza, padrões de comportamento, entre outros.

No entanto, mais importante do que ser instrumento de produção e produto de consumo, ela reflete múltiplas realidades de identidades femininas construídas no exterior da revista, pelos contextos inseridos em *Mulheres do Mundo*.

Metodologia

O primeiro impasse para escolha do corpus para esta análise, foi a instabilidade percebida na produção do material que pretendíamos analisar. Os discursos que circulam na

internet não são estáticos; ao contrário, condizem com a sociedade atual que é multifacetada e dinâmica.

Muitos questionamentos vieram à tona, entre eles: qual é o limite entre o mecanismo social chamado gênero e os outros mecanismos sociais que estabelecem igualmente relações de poder entre os sujeitos? Esses outros mecanismos, como a raça, etnia, nacionalidade, escolaridade, idade, entre outros podem ser desvinculados da relação de gênero? Se pensarmos que a epistemologia feminista quer justamente desconstruir uma ideia de gênero num sistema binário (homem domina mulher) de modo que as relações sejam consideradas na sua ampla multiplicidade, é difícil e não honesto, eu diria, pretender analisar o gênero alheio aos outros mecanismos sociais.

Neste sentido, a primeira análise desse trabalho foi ler os textos na sua integridade discursiva, não destacando só os momentos em que o gênero era mobilizado, mas os outros discursos que os permeavam.

A escolha do *corpus* se deu pelos seguintes processos. Primeiramente, percebemos que a revista escolhida garantia textos mais preocupados em fazer representações de identidade feminina de forma mais pluralizada ao público de leitoras, tanto em relação à nacionalidade quanto em questões de raça, gênero, classe social, objetivos de vida, entre outros, conforme observamos nas primeiras leituras.

Feito esse processo, partimos para um exercício que consistia em agrupar os textos que mantinham um vínculo entre si, seja pela temática, pelos sujeitos que são apresentados, ou até pela concordância em articulação de outros discursos que foram mobilizados na escrita desses textos.

Os textos foram agrupados nas seguintes temáticas aproximativas: Mulher e violência, Mulheres do Oriente que lutam, Mulher e dependência química, Mulher e prostituição, mulher e aborto/parto, mulher e mastectomia, mulher e políticas públicas/ONGs, mulher e sustentabilidade, mulheres que superaram deficiências físicas/doenças, mulher e/na política, mulher e ciência, mulher e a ditadura da boa-forma, mulheres e empreendedorismo, mulheres e as práticas feministas, entre outras temáticas. Totalizando 146 textos dessa sessão, que no *site* estavam publicadas em 19 páginas.

Após este processo, elaboramos uma escolha parcial destes textos até a data de 15/05, totalizando 57 textos. Esta pré-seleção se deu por meio da leitura de todos os textos e aproximações temáticas entre eles. Mas o critério que mais evidenciamos na escolha foi pensar os textos que mais eram “representativos” dentro de suas temáticas, aqueles que mais explicitavam o momento histórico dos fatos e dos sujeitos reportados. Sendo assim, este

trabalho terá uma forte preocupação com a intensidade dos discursos mobilizados sobre a identidade feminina nos textos, considerando-os não como discursos isolados e limitados em si, mas como discursos que fazem interação com outros discursos, dentro e fora da revista.

Após a seleção dos 57 textos, no mês de junho/2014 deu-se início a uma primeira análise de cada texto selecionado, considerando alguns eixos que eram comuns aos textos daquela temática. Para reconhecermos essas aproximações, nos norteamos em: 1. Como são articuladas as discussões sobre **cultura**, pressupondo que uma sessão que se chame “Mulheres do mundo” tenha como objetivo entender as mulheres que vivenciam culturas diversificadas. 2. Como aparecem os discursos de **autoridade**, visto que numa primeira leitura dos textos percebemos que era comum a fala de pessoas que são reconhecidas, como autoridades políticas, especialistas e cientistas, para legitimar o discurso do texto. 3. A **cultura oriental** aparece de forma heterogênea e plural ou homogeneizada/estereotipada? Como são entendidas pelos textos da revista as relações de gênero com as **mulheres orientais**? As autoras dos textos fazem aproximações entre as realidades orientais e ocidentais? 4. Como se articulam os discursos sobre a violência, ela é entendida como um ato individual ou também compreende como atitudes de violência a culpa feminina, os julgamentos sociais e morais.

Para sistematizarmos essas questões na pesquisa, colocamos em tópicos todos os discursos que eram comuns aos textos daquela temática. Assim, selecionamos os discursos que eram mais comuns dentro daquela temática e os que representavam mais a identidade feminina na revista.

Após este processo, nossa análise ganhou corpo pelo processo de destacar os discursos mais representativos, e assim, possibilitar uma reflexão mais sistematizada dos discursos sobre a identidade feminina, conforme demonstramos nos três textos que seguem:

Texto 1: Pornografia de revanche, o relato da vítima: “Ele não esperava que eu tivesse força para expor o caso”, diz estudante que teve fotos nuas compartilhadas por ex.

O texto se constitui discursivamente a partir do relato de uma jovem que foi exposta na internet. Marie Claire entende a atitude do ex-namorado como forma de violência: *o relato da vítima sobre este crime tão covarde*. Além disso, quando se refere ao ex namorado como “ele” e só depois por “ex”, já indica que a leitora compartilhe discursivamente de que é comum relações de violência contra a mulher praticadas por homens com os quais esta teve um relacionamento.

A relação de confiança da mulher para com o companheiro está diretamente ligada à forma da mulher lidar com sua sexualidade e com o corpo: *Sou segura com meu corpo, não tenho vergonha dele nem da minha sexualidade*.

Já no título, o texto se refere a Thamiris como vítima. O gênero discursivo relato é tratado pela autora como uma possibilidade de encorajamento feminino para lidar com a violência: *criou coragem para contar sua história e (por isso) espera alguma punição para o ex-namorado*. A “espera” pela punição vem mais pela exposição de sua história do que pela crença em uma lei consistente.

Já na chamada do texto, mobiliza-se o discurso da culpa: *Senti raiva, vergonha, tudo junto. Ver comentários ridículos de pessoas julgando você, te chamando de safada. Ninguém fala que o cara é culpado. Só quando você escreve um texto e mostra seu lado é que algumas pessoas entendem. Tinha gente rindo, fazendo piadas. Foi o pior tipo de humilhação que já passei na vida”*.

A publicação das fotos é chamada de “punição”, não pelo fim do relacionamento em si, mas pela quebra de um acordo machista em que as decisões devem ser tomadas pelo homem: *Segundo ela, o rapaz não aceitou o rompimento e, como punição, publicou fotos íntimas da ex-namorada na web*.

Os meios de comunicação funcionam como forma de dar voz às mulheres (empoderamento), já que Thamiris viu outros casos semelhantes.

Já no início do relato, a vítima faz uma justificativa pela existência das fotos, utilizando-se de termos como *confiança* e *intimidade*. Podemos dizer que essa forma é bem marcada pelo argumento do relacionamento heterossexual estável, relação hegemonicamente aceitável e exigida na sociedade: *Foi normal ser fotografada durante nossa intimidade. Não sei se é fetiche ou fantasia, mas tínhamos uma relação de confiança forte. Aquilo ficaria entre nós*.

Em outra parte do relato, surge o discurso da *vingança* e da *impotência*, seguido dos discursos culpabilidade a mulher feminina: *Ninguém fala que o cara é culpado. Só quando você escreve um texto e mostra seu lado é que algumas pessoas entendem. Julgamentos como “Se você não quisesse, não teria tirado a foto” é o que a maioria fala*. Ao final do relato, aparece o discurso da impunidade, pois o ex-namorado continua mantendo contato e ameaçando a vítima.

No relato de Thamiris, percebemos que para a sociedade, a atitude violenta do seu ex-namorado não causa tanto espanto quando o fato de que a mulher expôs sua sexualidade em fotos. Para Anthony Giddens, a sexualidade não é mais entendida como algo do domínio privado, mas sim “no domínio público” (1993, p.9). Thamiris teve que se empoderar através da própria mídia (rede social) que a julgou, bem como por meio da própria revista feminina para “se explicar” perante o ato de outra pessoa.

Ainda em relação ao relato como forma de justificar a sexualidade, podemos retomar o que diz Richard Parker no texto *Cultura, economia política e construção social da sexualidade*, quando percebemos que a atitude da sociedade é julgar os sujeitos pela forma como vivenciam sua sexualidade:

“O comportamento sexual é visto como intencional, embora sua intencionalidade seja sempre modelada no interior de contextos específicos de interações social e culturalmente estruturadas. Nesse sentido, compreender o comportamento individual é menos importante do que compreender o contexto de interações sexuais -- interações que são necessariamente sociais e que envolvem negociações complexas entre diferentes indivíduos”. (PARKER, 2000, s./p.)

Diante de atos de impunidade, a punição para o ex-namorado não se deu na forma de uma lei capaz de avaliar e julgar toda a situação.

A compensação pela impunidade surge através de um castigo emocional, em que ela diz que “as pessoas o odeiam”. Esse viés emocional, advém do poder que se deu ao sexo em nossa cultura, em que todas as mulheres, como aponta Giddens, reivindicam o que o autor chamará de “relacionamento puro” = confiança.

Texto 2: Pornografia de revanche: “Nossa sociedade julga as mulheres como se o sexo denegrisse a honra”, diz Romário.

Neste texto a figura masculina aparece como central na luta contra a violência. O deputado Romário é descrito como *homem, deputado e pai*, são identidades que condizem com uma ideia de masculinidade e proteção. O Estado funciona como este pai que vai *proteger os mais fracos* (mulher).

O discurso de autoridade aparece quando os autores das exposições femininas são chamados de “criminosos”: “*O criminoso se aproveita da vulnerabilidade gerada pela confiança da pessoa*”, diz ele. No que segue, Romário mobiliza e critica o discurso da culpabilidade feminina, mas ao mesmo tempo, diz que os crimes acontecem pela “vulnerabilidade” que há no relacionamento a partir da confiança. De alguma forma, parte-se da mulher o motivo das agressões.

Por isso, o texto vem trazendo algumas precauções que as mulheres devem tomar. Essa é uma característica da imprensa feminina, o discurso da auto segurança: *as mulheres devem tomar precauções como, quando resolver registrar estes momentos, deter essas gravações ou fotografias. Não compartilhar, enviar por email ou aplicativos de celular.*

Ao final, o deputado afirma que a lei tem como objetivo preservar o direito das pessoas, inclusive o *direito* a produzir imagens e filmes das suas relações sexuais.

Texto 3: *Pornografia de vingança é combatida com novas leis nos Estados Unidos*. O texto infere que no Brasil ainda não há uma lei consistente para este crime: *Veja o que fazer no Brasil em caso de ter fotos íntimas publicadas na internet sem consentimento*. Pressupõe já a impunidade que há nessas situações.

Palavras como “truque-baixo” e “ataque”: *Postar fotos da ex-namorada nua após o fim do namoro virou um truque baixo recorrente no Brasil e nos Estados Unidos. Aqui, é comum que o ataque venha em forma de emails recheados de fotos íntimas enviados a familiares e colegas de trabalho da vítima*. Este texto retoma a recorrência da chamada “pornografia e vingança”, a modificação nas leis dos EUA referentes a esse crime enfatiza a polêmica que acompanha estas decisões, como o direito ao anonimato na internet. Além disso, há uma “dica” para as mulheres que forem vítima desse abuso, que é processar o agressor e esperar uma decisão da justiça.

Considerações

Até este momento, as reflexões acerca da “pornografia de vingança” nos revelam que a violência não se resume ao *ato individual* praticado por uma pessoa contra outra (homem > mulher). Mas sim, que a violência também se configura nos discursos produzidos sobre o que significa *ser homem e ser mulher* em nossa sociedade.

Entendemos que, nesses textos, a identidade feminina é marcada pela corporeidade nas relações de gênero recontextualizadas pela internet.

Além disso, há uma busca constante pelo direito à intimidade e à vivenciar sua sexualidade de forma que ela não seja vista para as mulheres apenas como meio de reprodução: “A emergência (...) para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. A sexualidade plástica é a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução”. (GIDDENS, 1993, 10).

Referências

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7a. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

GIDDENS, A. **Sexualidade, Repressão, Civilização**. In: A transformação da intimidade. Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MARIE CLAIRE. Online. Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/> Acesso em 10/06/2014.

PARKER, R. Cultura, economia e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado.** Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.